

Estratégias para enfrentamento de desastres em comunidades vulneráveis – comunicação de risco a partir de princípios do cuidado¹

Rosângela Florczak de Oliveira²

Janis Linda Loureiro³

Patrícia Hammes Strelow⁴

Sílvia Marcuzzo⁵

Rafaela Redin⁶

Francielle Falavigna⁷

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS

RESUMO

Diante da frequência e da intensidade dos eventos extremos no mundo em anos recentes, a comunicação de risco se torna obrigatória para organizações que têm no seu propósito a proteção de cidadãos, especialmente daqueles que vivem em áreas vulneráveis. Apenas em 2024, o Global Water Monitor⁸ mapeou mais de oito mil mortes e 40 milhões de pessoas deslocadas em função de desastres provocados pelos eventos extremos. A proposta de pesquisa extensionista que apresentamos é desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa (CNPq) Cuidar_Com, vinculado ao PPGCOM/PUCRS. Em etapa inicial de desenvolvimentos, o estudo tem como objetivo construir estratégias de comunicação de risco a partir da cocriação com pessoas que vivenciaram a inundação de 2024 em Porto Alegre (RS) e que residem em duas comunidades com riscos de novos eventos da mesma natureza: bairro Sarandi e Bairro Cidade Baixa. Compartilhamos neste resumo as primeiras contribuições alcançadas em workshops realizados com mais de 40 pessoas participando e que colaboram para o desenvolvimento de estratégias comunicacionais preventivas.

PALAVRAS-CHAVE

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Risco, crise e comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Doutora e mestre em comunicação social pelo PPGCOM/PUCRS. Pesquisadora dos PPGs Teologia e Comunicação da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq Cuidar_Com, membro do Grupo de Pesquisa CNPq Risco, Crise e Comunicação. Pesquisadora líder do Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis e pesquisadora associada do Observatório Brasileiro de Comunicação de Crise. E-mail: rosangela.florczak@puers.br

³ Jornalista, especialista em Geopolítica, Comunicação e Marketing, mestranda do PPGCOM/PUCRS, ingresso em 2024/1. Integrante do GP CNPq Comunicação, Crise e Cuidado e do Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. Bolsista PROEX da CAPES. E-mail: janis.m@edu.puers.br.

⁴ Doutoranda e mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM/PUCRS. Jornalista no Instituto Federal Sul-riograndense (IFSul). Integrante do Grupo de pesquisa CNPq Cuidar_Com. Pesquisadora no Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. E-mail: p.hammes@edu.puers.br.

⁵ Jornalista, mestranda em Comunicação pelo PPGCOM/PUCRS. Integrante do Grupo de pesquisa CNPq Cuidar_Com da PUCRS e do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental da Ufrgs. Pesquisadora no Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. Bolsista Capes. E-mail: silvia.marcuzzo@gmail.com

⁶ Mestranda em Comunicação Social do PPGCOM/PUCRS. Integrante do Grupo de pesquisa CNPq Cuidar_Com. Pesquisadora no Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. Bolsista do Programa de Excelência Acadêmica - PROEX da CAPES. E-mail rafaela.rubert@edu.puers.br

⁷Doutora e mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM/PUCRS. Professora na Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos, da PUCRS. Integrante do Grupo de pesquisa CNPq Cuidar_Com. Pesquisadora no Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. E-mail: francielle.falavigna@puers.br.

⁸ Laboratório de pesquisas da Universidade Nacional da Austrália (www.globalwater.online)

Comunicação; comunicação de risco; eventos extremos; cuidado

1. Introdução

Na era geológica atual, que vem sendo denominada de Antropoceno – termo popularizado desde os anos 1980 – o marco de época são os efeitos que a ação da humanidade estaria gerando para o planeta em escala global (Artaxo, 2023). Para Artaxo (2023), a humanidade emerge como uma força capaz de interferir em processos críticos do planeta, como a composição da atmosfera e outras propriedades.

Os impactos que incidem sobre as mudanças climáticas, a saúde e o bem-estar humano são percebidos especialmente nas populações e nas regiões com grandes disparidades econômicas e sociais. O quadro desanimador encontra no ambiente científico lacunas de conhecimento, especialmente, quando se trata de pessoas em áreas vulneráveis, que podem ser afetadas e atingidas pelos eventos, como a população ribeirinha, periférica, em situação de rua, em abrigos precários e as populações marginalizadas. O alerta é de Galvão (2021). Para o autor, os riscos relacionados à mudança climática são maiores sobre esses grupos, dado que estão continuamente expostos aos eventos climáticos extremos, à insegurança alimentar, à poluição do ar, às temperaturas extremas, à água insegura e a vetores de doenças.

Reconhecendo esse quadro na capital do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – após os eventos extremos ocorridos no Estado, em 2024, o Grupo de Pesquisa (CNPq) Cuidar_Com vinculado ao PPGCOM/PUCRS, iniciou, em 2024, o desenvolvimento do Projeto *Comunicação para cultura do cuidado – estratégias para enfrentamento de desastres em comunidades vulneráveis de Porto Alegre* financiado pelo Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT-PG)⁹ 2024-2025. As comunidades escolhidas residem nos bairros Cidade Baixa e Sarandi, em Porto Alegre.

O bairro Cidade Baixa, situado na região central de Porto Alegre, é caracterizado por sua relevância cultural e histórica, abrigando uma diversidade de estabelecimentos comerciais e residenciais. Durante as inundações de maio de 2024, a área foi severamente afetada devido à falha no sistema de contenção de cheias, resultando em alagamentos extensos que obrigaram à evacuação de moradores e comerciantes. O bairro Sarandi, por

⁹ SESuCAPES Portaria Conjunta n.1 08/11/2023

sua vez, está localizado na zona norte da capital gaúcha, e foi um dos mais impactados pelas inundações de 2024. Com aproximadamente 80% de sua área alagada, cerca de 26.042 pessoas foram afetadas (GZH, 2024). O extravasamento dos diques de contenção contribuiu para a inundação, com águas encobrindo residências, escolas e estabelecimentos comerciais.

Em articulação com as lideranças comunitárias que identificaram e convidaram grupos de, em média, 20 pessoas em cada comunidade, as pesquisadoras deram início ao trabalho em abril de 2025. Estão previstos quatro *workshops* de cocriação, desenvolvidos a partir da metodologia Investigação Apreciativa. A pesquisa que se estende, em primeira etapa, até dezembro de 2025 tem como objetivo: 1) explorar a interface entre a Comunicação de Risco, perspectivas do cuidado e a perspectiva filosófica e prática da comunicação como negociação (Wolton, 2010), de forma a contribuir com aportes de entendimentos sobre o cuidado em comunidades vulneráveis; (2) desenvolver metodologia de comunicação para riscos em cocriação com a comunidade; (3) vivenciar a efetividade da metodologia junto a comunidades vulneráveis, nas paróquias locais, contribuindo para desenvolver a cultura do cuidado.

2. Metodologia

De caráter qualitativo e exploratório, a pesquisa envolve etapa de investigação de campo para coleta de dados, assim como, pelo seu perfil extensionista, para a devolutiva às comunidades das estratégias comunicacionais construídas. Além da pesquisa bibliográfica para estruturação de um marco teórico, foram realizadas etapas de mapeamento e definição de comunidades afetadas por eventos extremos em Porto Alegre (RS); e, a articulação comunitária com lideranças locais para a organização dos Grupos de Trabalho com voluntários que residem na comunidade e que foram impactados pelas inundações de 2024 e a realização de dois dos quatro workshops previstos.

Para a coleta de dados e cocriação com a comunidade foi adotada a investigação apreciativa. A metodologia de Investigação Apreciativa (IA) propõe uma abordagem dialógica e relacional para refletir os diferentes contextos organizacionais de modo colaborativo e inclusivo. Tendo como fundamento a Psicologia Positiva, que tem Martin Seligman com um dos pesquisadores basilares (Araújo, 2013; Paludo e Koller, 2007), a IA valoriza as potencialidades humanas, buscando fomentar uma cultura organizacional

em que “se descobre, cria, compartilha e implementa o conhecimento de uma maneira intencional e ativa” (Varona, 2009, p. 2-3). Em vez de destacar as falhas e as fragilidades de um dado contexto, o foco está na valorização das virtudes, nas experiências bem-sucedidas e nos sonhos compartilhados pelos sujeitos organizacionais.

Nesse sentido, a comunicação deixa de ser apenas um processo funcional e instrumental, e passa a ser compreendida como espaço de construção coletiva de significados. Cooperrider e Whitney (2006, p. 63) afirmam que “as relações prosperam onde existe um olhar apreciativo – quando as pessoas veem o melhor umas nas outras, compartilham seus sonhos e principais apreensões sob maneiras afirmativas, e estão conectadas em uma só voz para criar não somente palavras, mas mundos melhores”. O processo da IA — composto pelas fases (1) Descobrir, (2) Sonhar, (3) Desenhar e (4) Viver — compreende que a verdade sobre a realidade organizacional é um valor coletivo e, não, individual e, dentro desse escopo, segundo Varona (2009), os limites são demarcados, somente, pelo limite da criatividade para materializar o sonho sonhado.

A partir de perguntas motivadoras da reflexão, os participantes dos *workshops* 1 (Descobrir) e 2 (Sonhar) trabalharam em quatro pequenos grupos que proporcionaram o diálogo e as trocas de experiência e percepções. Além da conversa, sistematizaram e registraram suas percepções que depois foram compartilhadas no grande grupo. O trabalho está em andamento e ainda devem acontecer mais dois *workshops* com as etapas 3 (Desenhar) e 4 (Viver).

Como prática decorrente das estratégias de comunicação cocriadas com a comunidade nos workshops, o que for produzido será testado em simulações e serão realizadas capacitações com a comunidade acerca da comunicação de risco e do cuidado. Posteriormente, as estratégias serão compartilhadas por meio de atividades e materiais comunicacionais, de forma que a comunidade se sinta mais segura e confiante para a ação preventiva. Atualmente, o trabalho encontra-se em desenvolvimento e os dados coletados – gravados e registrados em relatórios por meio da observação participativa de quatro pesquisadores envolvidos em cada sessão – estão sendo sistematizados.

3. Fundamentação teórica

Viver em estado constante de crise não é agradável, alertam Bauman e Bordoni (2016). Para eles, o estado de crise prepara o ser humano, psicologicamente, para o pior

e é esse o sentimento mais velho do mundo, que acompanha a humanidade ao longo de uma realidade marcada pela insegurança.

Nessa conjuntura social cresce o sentimento de incerteza e a necessidade de avançar na compreensão dos temas de riscos e crise, bem como acerca das estratégias de comunicação a eles associados. “Há um ímpeto de intervir: de escolher as medidas certas e aplicá-las com presteza” (Bauman e Bordoni, 2016, p. 16). Essa pode ser uma forma de enfrentar o conjunto de problemas que surgem das estratégias de mitigação de riscos climáticos que não consideram adequadamente essas realidades.

No centro das estratégias de mitigação dos danos gerados pelas crises climáticas está a comunicação de risco. Aqui entende-se o processo comunicacional para além da mera transmissão de informações e situado no tenso espaço da confiança, do vínculo e das relações humanas. “Informar, expressar-se e transmitir não são mais suficientes para criar uma comunicação” (Wolton, 2010, p. 31). A comunicação como processo vai além da disseminação de mensagens, assumindo papel de construção de sentidos e narrativas que contribuem para a percepção dos riscos e crises em níveis individuais e coletivos.

Diante de um contexto de metamorfose marcado pelas crises e, aqui, especialmente, pelas crises climáticas, impõem-se como necessidade, pesquisar sobre o sentido, a relação e as práticas da comunicação como cuidado evocadas pela vulnerabilidade de todos os sujeitos imersos no social em um tempo volátil, caótico e incompreensível (Topper e Lagadec, 2013). Como ponto de partida, buscamos articular a perspectiva do cuidado – com olhar epistemológico e ontológico – no contexto das relações comunicacionais que envolvem comunidades vulneráveis em situações de risco e crise.

4. Análise e contribuições provisórias

Ao analisar os dados coletados a partir da participação dos grupos em ambas as comunidades no *workshop* 1, e categorizá-los, foi possível perceber convergência entre as dimensões apresentadas, como descobertas de capacidade de enfrentamento durante o evento extremo de 2024. Preliminarmente, destacamos as contribuições dos grupos envolvidos: (1) solidariedade e rede de apoio estabelecidas durante o evento extremo, (2) comunicação efetiva no local organizada pelas comunidades, (3) prontidão e resiliência, acolhimento e cuidado emocional por parte das lideranças comunitárias (4) solidariedade espontânea, (5) humor, vínculos afetivos e sensação de pertencimento foram algumas

delas. Em cada dimensão, os participantes trouxeram exemplos de práticas de cuidado e descreveram momentos marcantes.

Também no *workshop 2*, foi analisar como prevalência em ambos os grupos, (1) conhecimento tácito significativo para o enfrentamento das condições extremas e a (2) busca por desenvolver estratégias que fortaleçam a comunidade a partir dos recursos coletivos e relacionais já existentes.

Nos dois grupos envolvidos na pesquisa se sobressai, também, a cobrança ao poder público para a necessidade de estabelecer práticas coordenadas e protetivas à população, não apenas no momento da ocorrência, mas sim, como uma forma de proposta educativa permanente. A partir dos dois primeiros workshops, as contribuições dos grupos nos dois bairros geraram insumos para a sequência da pesquisa que ocorreu no mês de junho.

5. Referências

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. A psicologia positiva como fomentadora do bem-estar e da felicidade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 4, p. 649-658, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n4/17.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno? *Revista USP*, 2014.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. Estado de crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COOPERRIDER, David L.; WHITNEY, Diana. Investigação apreciativa: uma abordagem positiva para gestão de mudanças. Tradução de Nilza Freire. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

GALVÃO, Luis Augusto Castro et al. Os impactos da mudança climática nas populações em situação de rua. 2021.

GZH. Enchente atingiu 46 bairros e afetou diretamente 157 mil pessoas em Porto Alegre, aponta mapeamento da prefeitura. *GZH*, Porto Alegre, 7 maio 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/05/enchente-atingiu-46-bairros-e-afetou-diretamente-157-mil-pessoas-em-porto-alegre-aponta-mapeamento-da-prefeitura-clw6vhmvo0047014e6mmiriam.html>. Acesso em: 12 maio 2025.

PALLUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paideia*, v. 17, n. 36, p. 5-14, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a02.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

TOPPER, Benjamin; LAGADEC, Patrick. Fractal crises – a new path for crisis theory and management. *Journal of Contingencies and Crisis Management*, v. 21, n. 1, p. 4-16, 2013.

VARONA MADRID, Federico. La intervención apreciativa: una manera nueva, provocadora y efectiva para construir las organizaciones del siglo XXI. Barranquilla: Ediciones Uninorte, 2009.

WOLTON, Dominique. Informar não é comunicar. Porto Alegre: Sulina, 2010.